

Empresas tendem a parar diante do cenário incerto

SÃO PAULO — Na dúvida, não faça nada. Este é o atual lema das empresas e o conselho mais sábio dos economistas e dos consultores. Diante de todas as incertezas políticas e econômicas, há uma fartura de cenários tão grande quanto o leque de boatos. A perspectiva mais drástica aposta que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, joga a toalha, no máximo, em três semanas. Em seu lugar assume um dos mais ferrenhos integrantes da *tropa de choque* de Fernando Collor, o presidente do Banco Central, Lafaiete Coutinho. O raciocínio é o seguinte: em três semanas, Marcílio tem uma reunião com o Fundo Monetário Internacional. Como enfrentar as cobranças de Washington, palestras e a imprensa internacional, sem ter o que dizer?

Para apimentar mais um pouco, este cenário ressalta que a única saída admitida pelo presidente Fernando Collor é ficar. Neste dilema, a luta pela resistência será para valer e a pressão pelo descontingenciamento do orçamento será mais forte do que a convicção do ministro de colaborar para a manutenção da governabilidade, explica o economista e consultor que prefere não se identificar. Por isso, esse economista não acredita que o substituto seria o Luís Antonio Gonçalves, porque sua linha seria idêntica à do Marcílio.

Marcílio fica — Um cenário mais ameno é, o trabalhado e desejado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). A ideia é que o presidente Collor tem mais do que um bom motivo para manter Marcílio no cargo — sua saída pode precipitar a queda do próprio Collor. O nome de Paulo Cunha, presidente do grupo Ultra, como provável substituto de Marcílio, fere os ouvidos e os brios dos capitães da indústria paulista, já que o empresário apoiou abertamente

Emerson Kapaz, candidato da oposição esmagado pela vitória de Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Enquanto corre o processo de *impeachment*, a ordem é ir tocando o dia-a-dia e trabalhar com uma inflação, por hora, na casa dos 25%.

Na verdade, o enredo pode ser trágico ou *light*, mas a prática é a mesma — nada de riscos. Para a empresa de consultoria Trevisan & Associados, Collor sai e Marcílio fica, pelo menos até o amadurecimento pleno da renegociação da dívida externa, o que significa um prazo até o início do próximo ano. "A estratégia é ir com cautela, continuando o negócio e encarando como um temporal passageiro. O principal é buscar maior qualidade e produtividade", conta o diretor da Trevisan, Luiz Antônio Inglez Padovani. Para o diretor da Price Waterhouse, Célio Lora, a ideia é ser o mais independente possível do governo e seus problemas. "A fábrica tem que abrir todos os dias. Para encontrar os próprios caminhos, é preciso ter segurança e, para isto, nada de arriscar decisões de médio e longo prazos. Independência financeira também é fundamental", ensina Lora, ressaltando que os investimentos só retornarão ao país com reforma tributária, fiscal, portuária etc.

O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega está recomendando aos seus clientes que fujam dos mercados de risco, não especulem e aguardem os acontecimentos. "É hora de ficar quieto. Se o ministro Marcílio sair, ocorrerá um impacto muito grande em termos de expectativa, já que ninguém saberá como será o *day after*", explica Mailson, que, enquanto, prefere não arriscar diagnósticos sobre o destino do ministro da Economia. O economista Yoshiaki Nakano, braço direito do ex-ministro da Fazenda Luís Carlos Bresser Pereira, acredita que é "inevitável" a saída de Marcílio. "E sempre existirão os atraídos pelo poder que toparão segurar este rojão", afirma Nakano, que, como os demais consultores, já ouviu falar em nomes como os de Roberto Campos, Affonso Celso Pastore e José Serra.